

O FOLHETO E A CANÇÃO: LEITURA E VIVÊNCIA NA SALA DE AULA

Mestrando Hadoock Ezequiel Araújo de Medeiros (UFCG)
Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves (UFCG)

Resumo:

Ao longo da história da literatura de cordel, as suas narrativas quase sempre apresentam uma relação com a canção. No período entre o final do século XIX até meados do século XX era comum ouvir nas feiras os poetas recitando ou cantando seus poemas. Por ter essa relação com a música, o cordel e algumas canções populares apresentam ritmos que lembram as cantorias nordestinas e o ritmo do coco de embolada. Nosso trabalho tem como objetivo fazer uma análise comparativa entre o cordel “Balance a Rede do Mundo”, do poeta popular Antonio Francisco, e a canção “Aquidauana”, do compositor paraibano Chico César. Enfatizaremos, nos dois casos, a utilização do ritmo da embolada, que pode ser acionado pelo leitor na leitura do folheto. Também, será relatada uma vivência em sala de aula com alunos do primeiro ano do ensino médio da rede pública. A partir da leitura compartilhada do folheto, os alunos perceberam essa relação, aproximando o cordel com o baião, apresentando à escola uma versão musicada do folheto. Nosso estudo tem como base teórica Abreu (1999), Ayala (1988;2010), Galvão (2001) e Marinho & Lúcio (2012), quando tecemos questões sobre a literatura de cordel e o ensino. No que se refere à literatura comparada, temos como base, Carvalhal (2006).

Palavras-chave: Antonio Francisco, Chico César, cordel na sala de aula.

1 Introdução

Muitas vezes nos interrogamos a respeito de textos literários que trazem uma relação com outros textos e com outras formas de artes. Cabe a nós investigar como ocorre esse processo e qual a sua importância, uma vez que a intertextualidade ou repetição expressa nas obras nunca é por acaso. Pautados nessa questão, muitos estudiosos, buscam como meio de investigação, a literatura comparada. Porém, devemos lembrar, que não cabe a esse estudo a penas compará-lo no sentido stricto, ela vai mais além. Para Carvalhal (2006, p. 5), “a literatura comparada tem um vasto campo de atuação. Para compará-las é preciso adotar diferentes metodologias, devido o grande número de objetos de análise”. Desse ponto de vista, esse tipo de abordagem pode investigar as relações interdisciplinares com as artes, a psicologia e a história.

Partindo desse viés, investigaremos nesse trabalho, a relação da literatura de cordel com a música, trazendo para nossa investigação, sua semelhança com a embolada de coco. No processo de formação do cordel, em finais do século XIX e no decorrer do século XX, em que se definiram suas características formais, essa literatura antes de ser transcrita para o papel foi vivenciada no espaço oral, trazendo em suas narrativas alguns dos traços das manifestações ocorridas nesse universo, como por exemplo, as peijas e desafios da cantoria de viola ou repente e a embolada de coco. Para Pinheiro & Marinho (2012, p. 26):

Os desafios aparecem nos cordéis numa reprodução de que acontecia nas feiras e casas dos cantadores de viola [...]. Nesse tipo de folheto cada poeta mostra suas habilidades no verso e procura depreciar o oponente.

As *pelejas* podem basear-se em desafios reais ou imaginários e geralmente são escritas em ritmos de *martelo* (versos decassílabos, com acentuação nas sílabas terceira, sexta e décimas).

Embora haja no cordel semelhanças com algumas manifestações populares orais como a cantoria de viola e o coco da embolada, devemos lembrar que cada uma dessas modalidades tem suas características próprias. O que podemos observar é que elas se entrecruzam em alguns pontos, como, métrica e rimas e sonoridade.

A musicalidade presente na composição do folheto retoma suas raízes da tradição oral, “não apenas por se expressar oralmente, cantando ou através da palavra, da fala, mas por ter trazido o repente (da cantoria) e a embolada (dos cocos de feiras) para dentro do sistema escrito” (AYALA, 2010, p. 61).

O cordel se caracteriza como uma literatura escrita, sendo classificado a partir de temáticas e definido dentro de um sistema de rima, métrica, podendo, no momento da leitura, trazer a musicalidade das canções populares. A cantoria de viola ou repente, por sa vez, é uma manifestação popular do Nordeste feita por poetas repentistas que se apresentam em feiras, bares, festas a partir da expressão oral, criando os versos na hora acompanhados de violas. Já o coco de embolada, também improvisado, se utiliza de instrumentos de percussão, como o pandeiro e o ganzá e “desenvolvem gêneros diferentes dos que constituem a cantoria de viola” (AYALA, 1988, p. 15).

Observando essa relação estreita entre o cordel e a canção investigaremos esse diálogo a partir do cordel “Balance a Rede do Mundo”, do poeta popular Antonio Francisco, e a canção **Aquidauana**, do compositor paraibano Chico César. Enfatizaremos, nos dois casos, a utilização do ritmo da embolada, que pode ser acionado pelo leitor na leitura do folheto. Também, será relatada uma vivência em sala de aula com alunos do primeiro ano do ensino médio de uma escola da rede pública. Nosso estudo tem como base teórica Abreu (1999), Galvão (2001) e Marinho & Lúcio (2012), quando tecemos questões sobre a literatura de cordel e o ensino. No que se refere à literatura comparada, temos como base, Carvalhal (2006).

2 O coco e o cordel: entrelaçando ritmos

Os primeiros cordéis impressos no Nordeste datam do final do século XIX, tendo como precursores os poetas populares, Leandro Gomes de Barros e Francisco das Chagas Batista, momento esse em que se instalavam as primeiras tipografias (ABREU, 1999). Dados dessa época, os folhetos começam a ganhar importância, em algumas localidades nordestinas, o que perdura até os dias atuais.

Entrelaçado por várias culturas, como a européia, afro-brasileira e indígena, o folheto nordestino tornou-se uma literatura singular. No limiar da oralidade para a escritura, o cordel se consolidou dentro de um sistema de formas e rimas, possuindo formato fixo e específico no qual predomina sextilhas com versos setessilábicos, ou redondilha maior, em um esquema de rimas ABCBDB, e em alguns casos, estrofes de sete versos setessilábicos com rimas em ABCBDDDB.

Trazendo em suas escrituras um tom em voz alta (ABREU, 1999), traço da oralidade, o cordel se caracteriza como uma literatura de “oralidade mista”, a qual é defendida por Paul Zumthor (2001), pois mesmo sendo essa literatura possuidora de uma escritura, ela mantém como fundamental meio de comunicação a palavra falada. Ayala (2010, p. 61) afirma que:

As *pelejas* simulam as disputas poéticas da cantoria ao trazer vários

modos de expressão da oralidade: além das sextilhas e setilhas, aparecem as décimas com versos em martelos, em galope e outros modos da cantoria. Cocos e emboladas também servem de modelos para criar formas escritas que se assemelham ou trazem a lembrança de formas orais.

Os traços da oralidade presente no folheto de cordel podem ser percebidos pela leitura em voz alta, já que damos o ritmo pedido pelo próprio poema, muitas vezes, acionados pela sonoridade da rima, aliterações e assonâncias. No caso dos cordéis, que trazem décimas em versos de martelos e galopes da cantoria de viola, a leitura se faz quase cantada, assim como é no repente. Da mesma forma, acontece, quando o cordel apresenta características do coco da embolada, uma poesia essencialmente oral. Para Sobrinho (2003, p.180. Grifo do autor),

O coco é um gênero de cantoria responsorial popular oriundo das praias e dos brejos nordestinos. Tem várias denominações conforme a região onde é praticado: *coco de roda, coco de praia, coco de usina, coco de São João, coco do brejo, coco de tropel, coco de embolada* propriamente dito. *Afora o coco de embolada*, todos os outros são a mesma coisa, variando de nome conforme a região onde é praticado.

Essa poesia é feita de improviso por duplas de repentistas que geralmente se apresentam nas feiras públicas das cidades, em que os versos são acompanhados pelos instrumentos de percussão, principalmente o pandeiro (AYALA, 1999, p. 231-132).

Na embolada de coco, os desafios costumam partir de temáticas advindas da situação que são apresentadas por meio de um refrão, dando início ao desafio. As disputas entre os emboladores, segundo Sobrinho (2003) são divididas em duas modalidades: a curta e a corrida. A embolada curta é composta por quatro pés, como podemos observar no exemplo abaixo:

Embolada corrida:

Primeiro embolador:

Você não pode me dar
Pois eu canto em alto centro
A minha volta é por dentro
Que nem barba de rua.

Segundo embolador:

Ninguém vem me derrubar
Porque eu sou que nem vela
Que o fio é por dentro dela
Só aponta pra queimar.

Primeiro embolador:

Embolada curta:

Primeiro embolador:

Eu nasci para cantar,

Você pode acreditar
Que eu nasci pra cantar coco
Aonde eu passo o reboco
Não precisa mais cair.

Segundo embolador:

Você pode acreditar
Que eu debaixo deste sol
Pesco baleia de anzol
E tubarão de landuá (SOBRINHO, 2003, p. 82).

Tenho força no juízo,
Tudo que quero improviso
Pra ninguém me reclamar,

Meu jeito de improvisar
Comove a alma do povo
O que eu canto é sempre novo
No céu, na terra e no ar.

Segundo embolador:

Embolador venha cá
Cante com muito cuidado
E veja que verso errado
Dá trabalho a remendar
Não repita seu cantar
Bote um freio na garganta
Que cantiga que se canta
Não se pode recantar
(SOBRINHO, 2003, p. 182-183).

Podemos observar, que no coco da embolada, as estrofes estão estrutura em um esquema de versos e rimas, bem próximo da estrutura do cordel. No exemplo da embolada curta, temos estrofes com quatro versos de sete sílabas poéticas com rimas, ABBA. Já na curta, são compostas por oito versos e sete sílabas com rimas, ABBAACCA. No cordel, geralmente, encontramos as sextilhas com rimas ABCBDB, um pouco diferente dos esquemas da embolada, no entanto, salientamos que as estruturas dessas duas vertentes, podem ser lidas seguindo um mesmo ritmo, visto que a divisão silábica do coco da embolada e do cordel, geralmente possuem sete sílabas poéticas.

2.1 No embalo do coco: dos versos à canção

A literatura comparada nos leva a entender as semelhanças e diferenças e o diálogo existente em uma determinada manifestação literária, observando as relações e características que assumem de diferentes textos e formas artísticas. No cordel, por exemplo, encontramos uma forte relação com a música. De acordo com Pinheiro & Marinho (2012, p. 73) “são inúmeros os cordéis que aceitam com facilidade a realização musical. Viroleiros cantam e recitam seus poemas. Folhetos para serem lidos ou recitados receberam melodia”.

Temos muitos exemplos de cordéis que foram musicados na Música Popular Brasileira (MPB). Na obra do poeta popular Patativa do Assaré, encontramos os poemas, **Vaca Estrela**, **Boi fubá** e **A triste Partida**, musicados em ritmo de baião pelos cantores Fagner e Luiz Gonzaga. Além de outras canções brasileiras que trazem para suas composições traços da literatura popular nordestina.

Na atualidade, podemos encontrar cordelistas e músicos que trazem em suas obras, elementos do coco da embolada. No cordel “Balance a Rede do Mundo”, de Antonio Francisco e na música **Aquidauana**, do cantor e compositor da MPB, Chico César, podemos evidenciar esses elementos.

No cordel “Balance a rede do Mundo”, de Antonio Francisco, presente no CD **Os animais têm razão**, da coleção **Minha Obra é um Cordel** (2011), é composto por sextilhas, com oito estrofes de setes sílabas poéticas com rimas ABCBDB. A partir da quinta estrofe temos a recorrência de um refrão: “Balance a rede do Mundo/Que o mundo está dormindo”, que retoma uma característica da embolada, fugindo da estrutura convencional do cordel. No CD, este cordel é musicado no ritmo da embolada pelo próprio poeta.

Já na música **Aquiduana**, de Chico César, temos uma estrutura composta um refrão de cinco versos (AAABA), nove estrofes de nove versos (ABABABCCA) e uma estrofe com oito (ABBCADDC), divididos, na maior parte deles, em sete sílabas poéticas. Assim como no cordel de Antonio Francisco, temos o refrão: “O que há/ E o que não há/ Em okayama e okinawá/Pro Povo de Aquidauana/Eu vou ter de perguntar”, que inicia a canção e se repete intercalando as estrofes. Eis abaixo as duas produções:

Balance a rede do Mundo

(Antonio Francisco)

Tem dias que a gente perde
O sono de tal maneira
Que fica o corpo na cama
Batendo o pé na testeira
E a mente viajando
Pelo mundo a noite inteira.

É nessas noites de insônia
Que a mente fica perdida
Nos corredores da história
Procurando uma saída
Pra desvendar o mistério
Dos mistérios desta vida.

E foi numa noite dessas
Com a mente indo e vindo
Que eu estava procurando
E acabei descobrindo
Que o mundo que agente mora
Faz tempo que está dormindo.

Se estivesse acordado
Deixaria acontecer
Poucos pedindo muito
Com terra grana e poder
E muitos pedindo um pouco
Sem ter um pão pra comer!

Balance a rede do mundo
Que o mundo está dormindo!

Se estivesse acordado
Jamais ia concordar
Do homem morar no campo

Aquidauana (Chico César)

O que há
E o que não há
Em okayama e okinawá
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar
(Refrão)

Sem ter terra pra plantar
E o pedreiro fazer casa
Sem ter casa pra morar!

Balance a rede do mundo
Que o mundo está dormindo!

Se estivesse acordado
Não aceitaria não
O homem fundir o ferro
Pra fabricar o canhão
E afogar a sua bala
No sangue do seu irmão!

Balance a rede do mundo
Que o mundo está dormindo!

Se estivesse acordado
Ele não aceitaria
Ver tanta gente afogada
No mar da hipocrisia
Fabricando o motoserra
Falando de ecologia!

Balance a rede do mundo
Que o mundo está dormindo!

Quando este mundo acordar
Ele vai dizer na hora:
Chega de tanta injustiça
Não suporto mais agora
Ver tantas mãos estiradas
E tantos pães jogados fora.

Balance a rede do mundo
Que o mundo está dormindo!

Pra poder nascer juá
Se tem bode pai-de-chiqueiro
Que é pra cabra bodejar
Se a galinha no poleiro
À tardinha vai deitar
Pouco ou muito pé de cana.
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se tem pé de juazeiro

Se é em pé que se dorme
Como é se levantar
Se a forma do sonho é disforme
Como um porre de aluá
Se é nu ou de uniforme
O civil e o militar
Se vale mais fé ou grana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se beijar é proibido
Ou se é dejá-vu beijar
Se o beiju é comprimido
Como pó de guaraná
Se a besteira do sabido
Tem poder de governar
Se eu não passo na aduana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Amor livre livramento
Livro feito pra estudar
Jura de amor juramento
Noivado antes de casar
Será que tem cabimento
Quem puder responda já
Se a sorte não me engana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se é quase tudo acre-doce
Pro gosto se equilibrar
Pro que é parecer fosse
Como a praia e o mar
Cristal que espatifou-se
Na correnteza do ar
Se a japonesa é bacana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se tem gente boa e ruim
Se tenente usa quipá
Se um equipamento de som
E um amigo de confiar
E um carro do ano bom

Posso ter sem trabalhar
Sete dias por semana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se tudo é certo e perfeito
Beleza de admirar
Peixe que já vem no jeito
Nem precisa temperar
Penso até em ser prefeito
Para os pobres visitar
Feito a lady Diana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se os rios de lá têm
O cheiro de sanhauá
Se um real vale um yen
Vela se a luz faltar
Se posso levar meu bem
Um pandeiro e um ganzá
Maracatu de goiana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Se existe vaquejada
Mode eu poder aboiar
Pruma vaca enlatada
Me ouvir ressuscitar
Tridimensionalizada
Catolé Taperoá
Adeus ô paraibana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Adeus adeus
Adeus catolé e patos
Adeus Eros e Tanathos
Eu preciso viajar
Adeus adeus
Adeus ô paraibana
Pro povo de Aquidauana
Eu vou ter de perguntar

Observando tanto o cordel, quanto a música, percebemos que ambas as produções, assemelham-se ao coco da embolada. Se formos relacioná-las, identificaremos nelas uma relação com à embolada de meia-fala, que de acordo com Sobrinho (2003, p. 183), essa embolada está esquematizada com estrofes de quatro pés, “na qual o primeiro pé, em vez de sete sílabas como os demais, tem apenas quatro”. Para o autor, esse tipo de embolada pode ser cantada de forma corrida, denominado-se, assim, de embolada de duas voltas, que possui oito pés em cada estrofe. Nela, os dois emboladores cantam juntos o refrão ou

estribilho para que se possa iniciar o improviso.

Embora no cordel e na música em questão apresentem refrões que não têm a mesma métrica da embolada de meia-fala, eles assumem uma estrutura parecida, pois quando cantados, servem como o estribilho usados pelos repentistas emboladores para anunciarem a disputa da embolada. No cordel, o refrão segue a mesma métrica das outras estrofes, já na música **Aquidauana**, notamos que o refrão possui versos com menos sílabas poéticas em relação às outras, que em sua maioria possuem sete sílabas, o que se aproxima ainda mais da embolada de meia-fala.

Por terem uma estrutura semelhante ao ritmo do coco da embolada, tanto a música quanto o cordel, podem ser cantados seguindo a sua melodia. Porém, devemos lembrar que o leitor pode, no momento de sua leitura, dá outro ritmo, tanto para o cordel quanto para a música. No caso do cordel, podemos cantar, por exemplo, na forma do baião, visto que nesse tipo de música, as sextilhas são bem aceitas.

3 Balançando os ritmos no cordel

Após discutirmos, apresentarmos e compararmos a literatura de cordel com o coco e com a música, iremos agora apresentar um recorte de uma experiência de leitura com o cordel “Balance a rede do Mundo”, de Antonio Francisco. Essa vivência realizou-se durante a intervenção da pesquisa em andamento, **De calça curta e chinela: a poesia de Antonio Francisco na sala de aula**, desenvolvida no programa de pós-graduação em Linguagem e Ensino, na linha de pesquisa em Literatura e Ensino, da Universidade Federal de Campina Grande- PB.

A experiência foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2012 com alunos do 1º ano do ensino médio, de uma escola da rede pública estadual, do município de São João do Sabugi – RN. Durante a intervenção, realizamos várias leituras com folhetos de Antonio Francisco, porém, nos deteremos apenas ao cordel referido, relatando a recepção dos alunos à leitura do folheto.

Partindo das reflexões feitas por Marinho & Pinheiro (2012), que afirmam que no trabalho com o cordel em sala de aula, a primeira e fundamental atividade a ser realizada é a leitura em voz alta, pedimos aos alunos que realizassem uma leitura do cordel “Balance a rede do Mundo”. Para tanto, sugerimos que inicialmente, como os alunos estavam um pouco tímidos, dois alunos poderiam fazer a leitura das estrofes e o restante da turma leria o refrão.

Assim, dois meninos aceitaram a proposta. De início, poucos alunos se envolveram na leitura, e os que acompanhavam liam em tempos diferentes, não havia uma sincronia. Após essa primeira tentativa, sugerimos que fizéssemos novamente a leitura, porém dessa vez, pedimos que os alunos prestassem atenção a entonação da voz, e a pontuação presente no poema, principalmente aos pontos de exclamações, que estão presentes na maioria das estrofes.

Para que os alunos encontrassem uma entonação adequada para o cordel, pedimos que cada aluno realizasse a leitura da primeira estrofe, na tentativa de que eles percebessem a entonação dada por cada aluno. Feito isso, realizamos uma nova leitura, dessa vez, todos leram de forma compartilhada. Durante toda a aula, não apresentamos para os alunos a versão do cordel musicada pelo poeta, nosso objetivo, era que os próprios alunos, percebessem a musicalidade presente no poema.

Nesse sentido, realizamos várias leituras, em cada uma delas, íamos sinalizando para os alunos as entonações da voz e pedindo para que eles repetissem um trecho que não tinham feito a leitura com expressividade. Essa metodologia foi importante para que eles

encontrassem a entonação adequada, pois como afirma marinho & Pinheiro (2012, p. 129), “a leitura e releitura oral de um cordel ajudará a perceber o ritmo, encontrar os diferentes andamentos que o folheto possa comportar e trabalhar as entonações de modo adequado”.

Nesse processo de leitura, fomos percebendo que um grupo de alunos começou a acompanhar o ritmo do cordel, batendo nas cadeiras, ao mesmo tempo em que trocavam ideias sobre a leitura. Finalizando a leitura, pedimos para que a turma destacasse alguma parte ou palavras que haviam chamado a atenção e explicassem o porquê. De um modo geral, os alunos afirmaram que a leitura tinha sido “divertida” e que a temática trazida no poema “falava sobre o que acontecia no mundo”. O grupo que acompanhara a leitura com batucadas nas cadeiras, afirmaram que o cordel parecia uma música.

Percebendo que eles tinham identificado essa relação do cordel com a música, aproveitamos e propusemos a apresentação desse poema em uma versão musicada. Na ocasião, como tínhamos convidado o poeta Antonio Francisco para um momento de recitação na escola, sugerimos que essa apresentação ficasse para esse dia.

Os alunos acharam a ideia interessante e concordaram com a nossa sugestão. Dessa maneira, combinamos nos reunir depois da aula para que pudéssemos organizar esse trabalho. Como mencionamos anteriormente, não apresentamos para a turma a versão musicada do cordel feita pelo próprio poeta, deixamos que eles encontrassem o ritmo adequado.

Nesse caso, acreditávamos que eles pudessem fazer uma relação com o coco da embolada, o que não foi evidenciado. Porém, acreditamos que isso se deve ao fato dessa forma de arte (o coco) não fazer parte da realidade dos alunos, pois ao tentarem descobrir o ritmo, eles procuraram relacionar com músicas mais próximas de suas realidades. Embora, no CD, encontramos a versão do cordel em ritmo da embolada, o leitor pode acionar vários outros que se adéquam ao cordel.

Dessa maneira, criou-se um debate entre eles, em que discutiam o melhor ritmo. Como podemos observar nas falas de alguns alunos: “Acho que fica legal no ritmo do **Rap**”; “Não rapaz, é melhor **funk**”. Ao passo que eles iam tentando descobrir qual ritmo se adequava ao cordel, eles iam também relendo o folheto. Percebemos, portanto, que os alunos tinham apreendido a metodologia de leitura e releitura utilizada por nós durante a aula como uma forma de encontrar a entonação da leitura. Depois de várias tentativas, os alunos chegaram a uma conclusão e concordaram que o folheto se relacionava com o forró, mais precisamente com o baião de Luiz Gonzaga.

Encontrado o ritmo para o cordel, traçamos um planejamento para que eles organizassem a apresentação. Dessa forma, uns ficaram responsáveis em solicitar os instrumentos de percussão e sopro, com o diretor da escola, outros com a fila harmônica da cidade, além de marcarem um encontro com o grupo naquela entidade, onde fomos convidados a assistir um dos ensaios. Como combinado, no dia do encontro com o poeta, os alunos se apresentaram para a escola. O cordel foi tocado pela banda **Os Sensacionais**, nome criado pelos alunos. A versão musicada foi acompanhada por bombo, tarol, triângulo, baixo, guitarra e trombone, instrumentos cedidos pela sede de música e pela escola.

Conclusão

Como vimos nos estudos comparados da literatura, em uma determinada produção se evidenciam características de outras. Na literatura de cordel, observamos um diálogo com a música das tradições orais como a cantoria de viola e o coco da embolada, como também podemos observar na música um diálogo com a literatura popular. Na MPB, por

exemplo, temos casos de letras e composições musicais que apresentam uma relação com o cordel e com a embolada.

Muitas das versões musicadas do cordel podem ser de fácil acesso. No contexto da sala de aula esse diálogo entre o cordel e a música pode vir a ser um trabalho interessante. Os alunos podem se apropriar de uma melodia de uma música e inseri-la em um cordel que foi lido na aula. No caso da embolada, essa é uma modalidade que chama muito a atenção dos alunos, pelo seu caráter sedutor. No entanto, vemos que essa relação do cordel com a embolada depende muito da realidade em que os alunos estão inseridos.

No caso da nossa experiência, notamos que os alunos não conseguiram relacionar a melodia do cordel com a da embolada, visto que essa não era uma modalidade presente no cotidiano deles. Por outro lado, observamos que mesmo não tendo apresentado à turma a versão cantada pelo poeta Antonio Francisco, os alunos acabaram descobrindo que na leitura do cordel é possível fazer uma ponte com a música.

No trabalho de leitura com a poesia, percebemos que a expressividade, a oralidade e a repetição das leituras são pontos importantes na construção de sentidos dos textos. Na leitura do cordel “Balance a rede do mundo”, de Antonio Francisco, esses passos foram significativos para que os alunos percebessem a aproximação do cordel com a música. A partir da leitura compartilhada, se possibilitou o envolvimento dos alunos com o poema e a busca de uma relação com outras formas de artes presentes em suas realidades, como o **Rap**, o **Funk** e o **Forró**.

Referências Bibliográficas

- 1] ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. (Col. Histórias de Leitura).
- 2] ALVES SOBRINHO, José. **Cantadores, Repentistas e Poetas Populares**. Campina Grande: Bagagem, 2003.
- 3] AYALA, Maria Ignez Novais. **Abc, romance ou verso: a literatura impressa que se quer oral**. In: Graphos. João Pessoa. Vol. 12, N. 2, Dez/2010 – ISSN – 1516-1536. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/.../6113> . Acesso em: 05 dez.2012.
- 4] _____. **No arranco do grito: aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ática, 1988.
- 5] CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo : Ática, 2006. (Série Princípios ; 58)
- 6] CÉSAR, Chico. **Aquidauana**. Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-cesar/206017/>. Acesso em: 04 de jun. de 2013.
- 7] GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. (Coleção Historial, 9).
- 8] MELO, Antônio Francisco Teixeira de. Balance a rede do mundo. In: **Os Animais têm razão: para ouvir e pensar**. Ceará: CD+ - Nordeste digital Line S/A. [20??]. 1 disco compacto (47 min.). Digital Áudio. MR1678. (Patrocínio Petrobras).
- 9] PINHEIRO, Hélder & MARINHO, Ana Cristina. **Cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012. (coleção trabalhando com... na escola)
- 10] ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: A “literatura” medieval**. Trad. Amálio Pinheiro, Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.